

# A infância - realidade ou utopia?

## Childhood - reality or utopia?

*Carlos Alberto Magalhães Gomes Mota\**

*Maria Gabriel Moreno Bulas Cruz\**

### Resumo

A Infância terá sido um conceito criado de forma social. O “homem primitivo” compreendia que a criança não era um adulto, mas isso não modificava suas atitudes com a criança. Na Idade Antiga existiu o infanticídio e na Idade Média desconhecia-se o conceito de “Infância” - tese central de Ariès. Para Paulo Ghiraldelli Junior, a noção de Infância é moderna; o pós-modernismo não necessita dessa noção. Estamos próximos dessa abordagem. A Infância foi um conceito desenvolvido por pedagogos como J.-J. Rousseau, continuada pela Psicologia (S. Freud ou J. Piaget); a partir do estudo da criança como ser em maturação deixou de se discutir se a criança é ou não um “ser humano em miniatura”. Hoje, com a chamada “Globalização”, encontramos uma definição política de Infância que deixa de existir para os países pobres, porque existe apenas o produtor de bens. Assim, estamos muito longe de ter a Infância como período feliz da vida das pessoas. Inclusivamente existem crianças-soldados. Todos os países são cúmplices desta situação, que comporta até o infanticídio feminino na China.

**Palavras-chave:** História. Educação. Infância. Realidade. Utopia.

### Abstract

Childhood may be viewed as a concept that was created as a result of social influences. “Ancient Man” recognized that a child was not an adult, although such understanding failed to modify his/her behavior towards children. During the Middle Ages, infanticide was practiced and the concept of Childhood was non-existent – comprising the main thesis of Ariès. For Ghiraldelli Jr., Childhood is a modern concept, and post-modernism does not need this notion. We are close to this approach. Childhood was a concept created by Educationalists such as Rousseau, and continued by Psychologists (Freud or Piaget) through studies in which the child was viewed as a developing human being. In turn, the claim that children are “little adults” was no longer discussed. At present, with the concepts of “Globalization”, a political definition of Childhood may be found. Poor countries however are not included in this new framework, as there are only “workers”. Therefore, the idea that Childhood constitutes a happy moment in a person’s life is still distant; existing even “children-soldiers”. All countries are responsible for this situation, including the infanticide of young girls in China.

**Keywords:** History. Education. Childhood. Reality. Utopia.

\* Departamento de Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal (www.utad.pt). E-mails: cmota@utad.pt e mcruz@utad.pt. A grafia é a utilizada em Portugal.

## Introdução

Este escrito referente à Infância não pretende ter características de “cientificidade”, que aliás são difíceis de realizar nos estudos sobre a humanidade. Tal não quer dizer que não se procure o rigor, indispensável em qualquer escrito que se pretende responsável.

O texto começa por se centrar no que chamamos “Ocidente”, pois é à civilização ocidental que pertencemos, evoluindo depois para uma análise mais “global” da temática que trata.

O texto é histórico, sociológico e político nas abordagens que faz. Mas é essencialmente “histórico”, sabendo nós das limitações da História enquanto disciplina rigorosa e isenta de manipulações.

A História não é para nós um “género literário”, mas sofre de limitações de várias ordens. Pretende realizar uma análise “global” em relação aos acontecimentos conhecidos. Desta abordagem resultam problemas óbvios. As pessoas sentem os problemas humanos de forma directa, pois o discurso das ciências humanas – e as ciências são discursos – são sobre as pessoas. O papel do discurso histórico não terminou, apesar de todas as limitações que comporta. O “Fim da História” (de Francis Fukuyama) não aconteceu nem ao nível da “História” encarada como processo englobante das várias actividades humanas, nem, curiosamente, ao nível da “História” como discurso respeitante a esse processo. Porém, Fukuyama talvez tenha razão quando falou do “último homem”; a continuar desta maneira, a espécie humana poderá chegar (num futuro não muito distante) a essa situação. Mas isso é “outra história”.

## A propósito da História

A História entendida como conjunto de documentos, com uma gama de suportes cada vez maior (vídeo, áudio, tv, rádio, jornais, revistas, filmes, livros) é algo que constitui um amplo conjunto de discursos sobre os “humanos”, as suas relações e as vicissitudes por que vão passando como animais habitantes do planeta Terra. É tudo muito relativo em História, a começar pelo próprio nome do planeta, baptizado pelos autores da “História”. Tudo o que lhes importa e se passa no tempo cabe na História. Ela é “interna”, em muitos casos: há uma história da matemática feita por matemáticos, e exemplos destes podemos encontrá-los em grande quantidade. Poderemos ter uma “história do boxe”, de tipo “interno”. No entanto, esta é a disciplina mais “global” de todas as que a humanidade criou, o que não lhe retira importância. A História precisa de

“distância focal”; não podemos falar de um assunto sem alguma distância temporal em relação a ele, seria como colar a vista a uma folha de papel e tentar ler: não é possível. Esta é uma crítica a todos os que querem ser autores e actores simultaneamente.

Outro aspecto a considerar: a História é manipulável pelos detentores do poder. Já o foi em muitos casos, continuará a sê-lo. Nomes apagados em enciclopédias? Fotografias apagadas? – estamos certos de que estas “maravilhas” acontecerão sempre. Mas que dizer disto? Apenas que, tal como outro tipo de conhecimento, o conhecimento histórico é colocado ao serviço do poder pelo poder. Também isto será um “facto histórico”. O próprio facto de a cinematografia norte-americana “descrever” o mundo como muito bem quer é importante. Em 2001, um filme de Ridley Scott, com inegáveis méritos, teve um grande actor (o neozelandês Russell Crowe) como “pivot”. Falamos de “Gladiador”. Pois bem, tal como no passado já sucedeu, muitas pessoas ficarão para sempre convencidas (o tema é aliás recorrente) da “estupidez” do Império Romano, apresentado de forma caricatural e grotesca como um espaço geográfico reduzido a arenas com leões e lutadores. No filme, paralelamente à excelente reconstrução do que foram as forças armadas romanas (com divisão entre armamento pesado e ligeiro, infantaria e cavalaria), também se “vê” Cómodo estrangular Marco Aurélio, quando em todo o lado se afirma que Cómodo estava em Roma quando Marco Aurélio morreu; o General Aelus é “despromovido” de forma sumária a escravo, tornando-se gladiador e acabando por matar o novo Imperador (Cómodo) em luta directa, no circo de Roma. É verdade que se diz que Cómodo seria louco e terá participado em lutas, morrendo às mãos de um lutador. Isso já é bastante, mas não é preciso exagerar! Os norte-americanos, talvez vendo-se como os romanos actuais, não disfarçam nunca um complexo por não descenderem dos romanos, acontecendo isso com os pobres latinos. Muitas das imagens históricas são fornecidas à maioria da população pelo cinema. Tudo isto constitui limitações à capacidade da História.

### **História da Educação: infância e educação**

A História da Educação é uma História “interna”. De acordo com Joaquim Ferreira Gomes, podemos considerar a História da Educação o estudo das “instituições educativas, os métodos e as técnicas educativas e as idéias e os ideais educativos” (1995, p. 9). De forma geral, podemos acompanhar a Educação pelas Idades Históricas habitualmente consideradas no “Ocidente”.

Desde o aparecimento da escrita (situada entre 3100 a 3000 a.C.) entramos na Idade Antiga, até 476 d.C., data da queda do Império Romano do Ocidente. Aqui o contributo educativo de civilizações como o Egipto não foi fundamental: tratava-se de educar para a submissão (veja-se Mario A. Manacorda, *História da Educação*, São Paulo: Cortez, 2000). Devemos destacar os poemas de Homero e Hesíodo (situados no século XII a.C.), que seriam a base da educação tradicional grega. No entanto, só no século V a.C., em Atenas, com os sofistas (como Protágoras, Hípias ou Górgias), o pensamento do Homem a seu respeito, “antropológico” – daí a Educação –, ganha importância cada vez maior. Os sofistas vão relativizar os discursos para triunfarem.

Estudam Sinonímia, Retórica e Gramática: eram personagens pragmáticas; seguiam já nessa altura o princípio de William James: “verdadeiro é o que é útil”. Seriam combatidos por Sócrates, que hoje seria considerado um ingénuo. Este pretendia identificar discurso com verdade, sendo acusado de corromper a juventude, condenado a beber cicuta, o que fez. Não se deve dizer a verdade, ou pelo menos, como faria séculos depois Galileu, não vale a pena teimar demais... Platão, discípulo de Sócrates, é importante por ter escrito uma enorme obra, com destaque para “A República”, na qual enuncia uma até hoje célebre teoria do conhecimento, o Idealismo, para o qual “conhecemos através de Idéias”. É curioso que esse autor que propõe uma sociedade comunitária na qual as crianças nem saberiam quem eram seus pais, tenha passado à História como o autor do chamado “amor platónico”, algo de não-carnal. Platão fundou a Academia, uma escola interessante por se destinar ao ensino de matérias variadas. Aí, foi professor de Aristóteles. Como acontece com muitos discípulos inteligentes, Aristóteles foi um rebelde, fundando o Liceu, escola rival da Academia. Contrariando o seu mestre, defendeu que construímos as imagens do mundo a partir de dados sensíveis; por isso defenderia o geocentrismo, pois um agricultor, num campo, tem a sensação de ver o Sol orbitar em torno da Terra.

Os romanos não foram particularmente originais no campo educativo. O Cristianismo foi muito importante na formação da mentalidade europeia. A frase “deixai vir a mim as crianças” é extraordinária. A mensagem Cristã é profundamente revolucionária: o Cristianismo proclama a irmandade entre os homens, condena o escravagismo explicitamente. A Idade Média (476 a 1453 ou 1492) é um fenómeno tipicamente europeu-ocidental. No Oriente, o Império Romano sobrevive (com dificuldades crescentes) até o séc. XV.

Foi na Idade Média que se começou a “institucionalizar” uma idéia de infância. Com o fim do Império Romano do Ocidente, os povos ditos “bárbaros” não demonstrariam grande capacidade para a “cultura” entendida como

desenvolvimento do conhecimento humano. Podemos considerar que a infância é assim definida de forma “sociológica”, ou seja, faz-se uma delimitação desse conceito a partir das capacidades culturais que a sociedade medieval revela. Se Aristóteles é por muitos considerado inatacável, também o ensino se torna dogmático. Numa sociedade isolada isto foi natural.

Paulo Ghiraldelli Junior (2000) refere-se a sete formas de encarar a Infância através da História:

1ª: Santo Agostinho, para o qual a infância estaria imersa no pecado; “infante” - o que não fala, não possui “logos”, é desprovido de razão.

2ª: Descartes, para quem na criança predomina a imaginação, os sentidos dominam a razão, dá-se uma aceitação acrítica da realidade.

3ª: Rousseau: a infância passa a ser condição necessária para a Filosofia, o infantil é bom e puro.

4ª: Nabokov: Ghiraldelli Junior refere este autor notando que para ele nada há de inocente ou bondoso na infância.

5ª: Collodi: o autor de Pinóquio, também referido por Ghiraldelli Junior, apresenta a criança como criação histórica: o seu Pinóquio nem é bom nem mau.

6ª: Concepções do Século XX (a partir dos anos 60 – Philippe Ariès): a noção de Ariès (para Ghiraldelli Junior) leva a que se possa dizer que “toda e qualquer descrição da infância, pela ciência, pela filosofia e pela literatura e artes em geral são apenas novas descrições” (Ghiraldelli Junior, 2000).

7ª: Ghiraldelli Junior considera que a noção de infância é uma noção moderna. A pós-modernidade não precisa dessa noção.

Fizemos estas referências ao artigo do professor Paulo pela originalidade que revela esta abordagem. O autor refere, de resto, o aspecto de metáfora que muitos conceitos têm. Estamos em grande parte de acordo com esta abordagem em relação à Infância, como em relação aos “Direitos Humanos”, ao “Direito Internacional”; são, tragicamente, “metáforas”, “figuras de estilo”, como nos ensinaram na velha escola primária.

Dizemos que estamos “em grande parte” – mas não completamente – de acordo com Paulo Ghiraldelli. Para nós, quando este autor e os pós-modernos em geral afirmam que a infância é uma noção moderna têm razão; quando acrescentam que a pós-modernidade não precisa dessa noção (o lugar da criança é questão de senso comum), situamos a nossa análise noutra linha.

Como procuramos explicar nos pontos seguintes deste texto, “Infância” é algo negado a muitos. Assim, a posição do pós-modernismo é, para nós, otimista e refere-se mais a uma análise teórica desta questão do que a uma descrição da realidade que se vive hoje.

## **A Infância - Realidade ou mero conceito?**

Cultura definida como “modos de sentir, pensar e agir comuns a grupos maiores ou menores de pessoas” é a definição mais clara que para ela encontramos em termos sociológicos. O homem primitivo teve de notar que as crianças (sem disso serem ‘culpadas’) não tinham as mesmas capacidades que os adultos – começando pela força física. Terá existido uma espécie de “educação” na pré-história, baseada em observação, imitação, repetição. Este processo tem tido até hoje muitos adeptos.

De facto, é uma tentação a que frequentemente os professores cedem, a negação da autonomia e criatividade aos seus alunos. Ou seja: é possível pensar que as crianças, embora “compreendidas”, tenham sido sempre objecto de maus tratos, até porque são indefesas. Tratadas com violência, submetidas à selecção artificial espartana (modo infanticida), foram conduzidas com dureza pelos mais velhos. Philippe Ariès torna central a defesa da tese segundo a qual a idêia de infância como período de vida específico com direito a tratamento particular não existiu durante grande parte da História, em especial na Idade Média.

O abandono, traduzido pelo desprezo em relação aos filhos deixados na “Roda”, existe na Europa até ao final do século XIX. A Infância é vista por muitos, até hoje, como um período de imitação e obediência em relação ao adulto. O próprio sistema educativo hipervaloriza a memorização, em inúmeros países, o que é mais um reflexo desta forma de encarar a criança, que deve exclusivamente “copiar” modelos comportamentais.

O modo “Pedagógico” de encarar a Infância foi fundamentalmente uma criação de alguns pensadores, por vezes eles próprios com contradições nas suas vidas concretas.

De qualquer forma, este “modo Pedagógico”, em grande parte devido a Jean-Jacques Rousseau, foi um marco fundamental, situando-se, no entanto, no limiar da Idade Contemporânea. Com Pestalozzi, Herbart e Froebel, a criança será encarada como um ser em formação, com direitos que têm de ser respeitados.

O modo “Psicológico” desempenha um papel crucial na forma de definir Infância. As obras de S. Freud, J. Piaget e todos os seus principais seguidores estabelecem uma forma de encarar a Infância como período de maturação (emotiva ou cognitiva), que termina, no campo do debate científico, com qualquer hipótese de defesa de teorias de “adulto-miniatura”.

## **Conclusão: actualidade e infância - Globalização e definição política de infância**

Estamos hoje, no ano 2001, a começar o século XXI. Avança pelo planeta uma concepção “totalizante”: tudo é produtor e mercado; mais: pense-se no que se pensar, seja uma cadeira ou um computador, será sempre possível encontrar um local onde produzir esse objecto mais barato. Daí as “lojas dos 2 reais”; de novo encontramos definições políticas. De há muito que “povo”, para os políticos em geral, é constituído por quem os apoia; novamente, trabalhador é qualquer um. Num tempo destes, com crianças-soldados, fenómenos como o trabalho infantil, a negação de direitos como a escolaridade, a prostituição infantil e os abusos por parte de redes de pedofilia, são comuns mesmo nos ditos “países ricos”.

As sociedades industriais “ricas” também não têm tempo para as crianças. “A urbanização, as leis do trabalho da criança, a abolição do sistema de aprendizagem, o tráfego entre a cidade e os subúrbios, as escolas centralizadas (...) a mãe que trabalha (...) o poder sedutor da televisão para manter as crianças ocupadas (...) todas estas manifestações de progresso operaram para diminuir a oportunidade de contacto entre os filhos e os pais...” (PAPALIA e OLDS, 1981, p. 400, citando Bronfenbrenner em 1970).

Orlindo Gouveia Pereira refere que “o homem desenvolveu procedimentos subtis de punição psicológica, que, por exemplo, usa formas de criar padrões de comportamento conformista que designa por «espírito de disciplina»” (1976, v. 1, p. 40).

As práticas infanticidas – veja-se o caso do infanticídio feminino na China actual – o trabalho infantil (até de tipo escravo) continuam, especialmente em países asiáticos. Mas os países que denunciam as práticas de trabalho escravagista na Ásia não deixam de manter – e até aumentar – o comércio com essa zona do mundo.

Assim, a prática do poder legitima o primado dos interesses da produção de bens, que exige mão de obra (de qualquer tipo), enquanto um discurso de poder de ocultação desta realidade, pelo contrário, afirma a existência da preocupação com o bem-estar da criança e a realização dos seus interesses.

Chegou ao fim o proclamado “Século das Crianças”. Como referimos num artigo recente, este ano, o Banco Mundial e a FAO publicaram relatórios sobre o “estado do planeta”. Foram o “Report on World Development 2000/2001: attack to poverty” por Shaohua Chen e Martin Ravallion de Setembro de 2000 e o “Fao’s Annual Report”, Roma, Setembro de 2000. Já o Relatório

sobre o Desenvolvimento Humano do PNUD ou UNDP, United Nations Development Program 1999, sob o tema “Globalização com uma face humana” (Trinova, Lisboa, também disponível na Internet em <http://www.un.org/Publications>) tinha conclusões semelhantes. Mas que conclusões? Na página 3 do relatório do PNUD de 1999, refere-se que “os activos dos 3 primeiros multimilionários são superiores ao PNB conjunto de todos os países menos desenvolvidos e dos seus 600 milhões de pessoas.”

Também aí se dizia que “os países da OCDE, com 19% da população mundial, têm 71% do comércio mundial de bens e serviços, 58% do investimento directo estrangeiro e 91% do total de utilizadores da Internet”. Não se entende muito bem, lendo este extenso relatório, onde estará a “face humana” da globalização. Já este ano, a FAO e o Banco Mundial, acabaram de vez com as ilusões (?) que alguém poderia ter sobre o andamento da sociedade global, ao afirmarem que 1.300 milhões de pessoas sobrevivem com 1 dólar americano/dia (cerca de 235 escudos) (1 real = 100 escudos); isto enquanto 3.000 milhões “vivem” com a soma de 2 dólares/dia. Enquanto isso, 20% da população não chegará aos 40 anos; em 1960, os 20% mais ricos tinham 30 vezes mais rendimentos que os 20% mais pobres; em 1997 a diferença já subira para 74 vezes! Na era da liberdade internética, muita gente não sabe que o mesmo computador custa 1 mês de salário médio norte-americano e 8 anos de salário médio no Bangladesh. O computador funciona com energia eléctrica, indisponível para 2.000 milhões de pessoas. Valha-nos que 1.000 milhões de indivíduos vão entrar no próximo milénio analfabetos! E será que se poderão determinar os “analfabetos funcionais”, os “analfabetos tecnológicos”, os que não falam inglês, enfim todos os que, por este andar, “derrapam” para a exclusão social, tornando-se “redundantes” - na “excelente” expressão com que são, por hábito, designados os que perdem emprego na Grã-Bretanha? Estamos na Europa civilizada, onde se consomem 2.530 milhões de contos/ano (1 conto = mil escudos = 10 reais) em gelados, mais do que suficientes para que toda a população mundial tivesse água e saneamento básico.

O que nos vale é saber para onde vamos! Num dia, isso mesmo, num dia, deu-se a “Europa sem carros” (com a adesão nacional); poucos dias depois, foi anunciado que o Estado Português incentiva a compra de carros novos, oferecendo 200 mil escudos (= 2000 reais) por cada carro velho. Em que ficamos? Não ficamos, continuamos...

A “Infância”, como “época de felicidade” nas vidas das pessoas, é uma idéia, será um substantivo abstracto enquanto os Direitos Humanos também o forem.

## Referências

- CHEN, Shaohua e RAVALLION, Martin. *Report on World Development 2000/2001: attack to poverty*, set. 2000.
- FAO. *Fao's Annual Report*, Roma, set. 2000.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. *Revista Educação e Realidade*, v. 1, n. 25, 10 jul. 2000.
- GOMES, Joaquim Ferreira. *Para a História da Educação em Portugal*, Porto: Porto Editora, 1995.
- PAPALIA, Diane E. e OLDS. *O Mundo da Criança*. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 1981.
- PEREIRA, Orlindo Gouveia. *Desenvolvimento Psicológico da Criança*. Lisboa: Moraes, 1976.
- PNUD. *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano* do PNUD ou UNDP, United Nations Development Program, 1999, sob o tema *Globalização com uma face humana* (Lisboa: Trinova, também disponível na Internet em <http://www.un.org/Publications>).

Outros endereços na Internet com referências a questões educativas:

- <http://www.a-pagina-da-educacao.pt>
- <http://www.klickeducacao.com.br> (Portal brasileiro de Educação)
- <http://www.min-edu.pt/sees/>
- <http://www.terravista.pt/guincho/1018/rede.htm>
- <http://www.terravista.pt/guincho/1018> (Sites Portugueses)
- <http://www.boes.org/ai/macau/edu/porhrfb.shtml> (Direitos Humanos – em português)
- <http://www.direitoshumanos.usp.br/principal.html> (idem)
- <http://www.gddc.pt/pt/dh/index.htm> (idem)
- <http://www.cidh.org/comissao.htm> (idem)
- <http://www.cibercom.com.br/50aniversario/> (idem)
- <http://www.dhnet.org.br/w3/cdhmp/> (idem)
- <http://www.anistia.org.br/> (idem)
- <http://www.direitoshumanos.org.br/> (idem)
- <http://www.unesco.org.br/> (Unesco – Brasil)
- <http://www.pedagogia.pro.br>
- <http://www.filosofia.pro.br> (Filosofia – Brasil)
- <http://www.un.org/Publications> (Publicações das Nações Unidas) – ver Relatório do Desenvolvimento Humano

<http://www.encarta.msn.com> (Enciclopédia Encarta Online)  
<http://www.eera.ac.uk/> (European Educational Research Association)  
<http://www.aera.net/pubs/er/eronline.htm> (AERA – American Educational Research Association)  
<http://europa.eu.int/comm/education/what.html> (16 indicadores de qualidade sobre Educação em 6 línguas, formato pdf (Relatório da Comissão Europeia)  
[http://europa.eu.int/comm/index\\_en.htm](http://europa.eu.int/comm/index_en.htm) (Comissão Europeia)  
[educreal@edu.ufrgs.br](mailto:educreal@edu.ufrgs.br) (*Revista Educação e Realidade*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

*Recebido: 17.04.2001*

*Aceito: 17.10.2001*